

MAURÍCIO ADINOLFI

IMAGENS, ARQUIVOS E ACÇÕES

MADEIRA SOBRE MAR

Apresentação da dissertação de mestrado: Madeira sobre Mar, que aborda os processos e procedimentos específicos nos trabalhos de intervenção do artista Maurício Adinolfi.

Partindo da exibição do curta-metragem “Macuco” (20 min.) – um vídeo experimental que trata da relação humana com o mar – Adinolfi abordou as relações conceituais e matéricas que ligam as principais intervenções e site específicos dos seus últimos cinco anos de trabalho. O vídeo foi filmado no litoral da baixada santista, entre barcas, catraias e navios, tem como protagonistas: um homem e uma mulher, um túnel, a chuva e o oceano. Refletindo sobre esses vetores sociais e naturais, a apresentação reuniu três projetos realizados: uma intervenção urbana em comunidade, uma instalação e uma pintura espacial; que abordamos aqui.

O Projeto Cores no Dique foi uma intervenção urbana de caráter público/compartilhado e constitui-se numa pintura espacial de grande dimensão em constante expansão e desenvolvimento; esse trabalho foi realizado em palafitas do bairro Vila Gilda na cidade de Santos/SP e começou em 2009 através de uma residência artística, fruto do prêmio Interações Estéticas. No projeto, toda ação que envolvia a impermeabilização e pintura dos madeirites era realizada coletivamente, desde a escolha das cores à composição e construção nas casas/palafitas do Dique da Vila Gilda. Esse procedimento permitia uma ampla discussão, pois todos os participantes se reuniam em um barracão cedido pela COHAB (Companhia de habitação de Santos) para trabalhar, acabando por debater diversas questões, como as condições de moradia, esgoto, planos de retirada e meio ambiente, extrapolando as questões estéticas.

Sobre Mar, Madeiras e outros Animais foi uma intervenção realizada por meio de uma construção processual erguida através da coleta, acumulação de madeiras e intervenção em um espaço público/privado (a entrada do edifício Copan em São Paulo) por meio de Edital da Secretaria de Estado da Cultura. Este trabalho foi realizado logo após o trabalho de pintura no Dique, e guarda relação direta com o tratamento dado às madeiras na estrutura aparente das casas de palafitas, assim como à experiência da proximidade do mar. Também necessita de um acordo coletivo, do conhecimento dos moradores e da administração predial.

A Intervenção BarcoR, realizada em 2013, foi o projeto que se desenvolveu com a maior gama de relações e influências, pois além do trabalho coletivo, é fruto de uma investigação da iconografia regional paraense, da pintura corporal indígena e das cores utilizadas em embarcações de madeira. O Projeto BarcoR – estética tocantina, foi uma residência artística que realizei em 2013, propondo uma parceria através de oficinas e intervenção in loco com a Associação de Barqueiros Marítimos de Marabá/PA/Brasil e os artistas Marccone Moreira e Antonio Botelho, resultando na pintura de 30 barcos.

Por meio de encontros e debates, definimos conjuntamente as ações que envolviam a pintura de cada barco, fomentado por reflexões estéticas, composições e questões que surgiam durante o processo.

O projeto possibilitou uma ação conjunta com a comunidade, o desenvolvimento de uma pesquisa plástica e uma transformação social. Desenvolveu-se uma relação social-estética construtiva e prática, pensando a arte não apenas como objeto, mas como um poder de transformação do ser, um pensamento estético sobre a vida.

Finalizando a apresentação analizei a residência que fazia em Portugal, onde propunha uma investigação em campo, sobre o processo de pintura dos barcos tradicionais chamados moliceiros que navegam na Ria de Aveiro, região lagunar do Rio Vouga em Portugal.

O principal objetivo foi pesquisar a genealogia pictórica das iconografias dos barcos moliceiros, determinando relações estéticas, estudando os procedimentos de pintura, composições cromáticas, influências de cor e desenhos tradicionais dessas embarcações.

Nos barcos populares o uso de cores primárias segue uma lógica estrutural, acompanhando o desenho de cada embarcação. As intervenções iconográficas são pontuais, referentes ao seu dono e à identidade local ou regional onde está inserida. Comumente são utilizadas marcas ou símbolos identificando seus construtores.

Realizei contato com os barqueiros que trabalham com os moliceiros turísticos, onde pude perceber como estavam sendo feitas atualmente as pinturas dos barcos. Há um único pintor especializado nessa atividade, Zé Manuel, que trabalha na região de Pardilhol e Murtosa, freguesias próximas a Aveiro. Também consegui nessas conversas, o contato do principal construtor de moliceiros, Mestre Felisberto, e prontamente consegui agendar uma visita ao seu estaleiro, também localizado em Pardilhol.

O estaleiro de mestre Felisberto é um pequeno museu das técnicas tradicionais de construção de moliceiros, com régua antigas (pau de pontos),



Calado do Cais: Maurício Adinolfi.

pedaços de moliceiros centenários, facas e serras do início do século, assim tive a oportunidade de registrar e aprender algumas técnicas e acompanhar a feitura de uma pequena embarcação. Tais técnicas se assemelham muito ao trabalho dos construtores de barcos de Marabá/PA. Os materiais, a utilização de cálculos direto na madeira, a calafetação são todos parecidos, apesar das diferenças estruturais e utilitárias de ambas embarcações.

Cada mestre construtor de moliceiros têm como identificação um símbolo que marca seu labor. São comumente sinas circulares com cores definidas pelo desenho. Não há propriamente significados atribuídos, são sim criações livres de seus autores; esses signos são pintados diretamente no leme das construções.

Outro foco de minha pesquisa foram os desenhos iconográficos presentes nas pinturas dos barcos moliceiros, especificamente os motivos que formam as cercaduras presentes na ré e na proa da embarcação, por serem desenhos com uma carga histórica e padrões que, mesmo tendo variações, seguem o desenho tradicional da estrutura do barco desde seu surgimento. A relação dos barcos moliceiros com os barcos do Douro, no Porto; a influência e diálogo das pinturas atuais com a música Pimba.

Acredito que as cercaduras, os floreados e as estilizações que são pintadas nos moliceiros em torno dos painéis, não são decorativas, mas sim fazem parte de sua estrutura, pois acompanham o desenho do barco e determinam uma

identidade própria ao moliceiro. Um fenômeno único de arte popular que mescla imagem e legenda. A pintura é o próprio barco.

Após a residência em Aveiro, fui convidado pela professora Maria de Fátima Lambert para realizar um painel pictórico e uma palestra dentro do Seminário “Gostos em estado de Utopia”, na Escola Superior de Educação - Politécnica do Porto, onde apresentei a pesquisa formando mesa com a estudiosa em moliceiros Clara Sarmiento e Cátia Assunção. O painel foi realizado com assistência dos alunos do curso de artes visuais, numa oficina aberta, trabalhando-se pintura e marcenaria. Numa das caminhadas pela periferia da cidade do Porto, encontrei uma pequena rua, onde se alinhavam casebres antigos em estado de abandono, realizei então mais uma intervenção da série “Insurgências”, nesta localidade próxima à freguesia de Paranhos.

MAURÍCIO ADINOLFI – Santos/São Paulo/Brasil, 1978. Graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp/Brasil. Doutor em Artes Visuais no I.A. Unesp/bolsista Capes com a tese Estruturas: Entre Madeira e Mar realizado em intercâmbio com a Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto, Portugal. Seus estudos se desenvolvem através da investigação de questões estruturais, expandindo-se para o espaço

em consequência da experiência com a construção naval e as comunidades litorâneas em várias partes do Brasil e Portugal, tornando a madeira, a pintura e a relação com outros profissionais o mote e fundamento dos projetos. Estes são caracterizados pelo vínculo com o rio, o mar e as situações críticas decorrente das transformações sociais e exploração regional.